

HISTÓRIAS SOCIAIS FEITAS À BEIRA-MAR AS PRAIAS E OS DIAS: HISTÓRIA SOCIAL DAS PRAIAS DO RECIFE E DE OLINDA

Rita de Cássia Barbosa de Araújo

Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007

CRISTIANO RAMALHO

As praias e o mar ainda são ilustres desconhecidos das humanidades, de seus trabalhos de pesquisas. Poucos foram, por exemplo, aqueles que buscaram singrar as águas da história ou das ciências sociais, navegando sobre temas relativos às práticas humanas (simbólicas e materiais) construídas à beira-mar ou no convívio direto com os oceanos, no avançar dos séculos. Dentre os insurgentes da escrita que enfrentaram esse saboroso desafio de nos apresentarem às águas marinhas e às praias, focando-as como temas centrais de suas pesquisas publicadas em livro, podemos citar o belo trabalho do historiador francês Alain Corbin – *O território do vazio*: a praia e o imaginário social, pela Editora Companhia das Letras – e o estudo do antropólogo brasileiro Antonio Carlos Diegues – *Ilhas e mares*: simbolismo e imaginário, editado pela Hucitec –; trabalhos esses, hoje, esgotados

nas prateleiras de nossas livrarias.¹

Parece que os aludidos ambientes naturais, a partir do silêncio que as humanidades lhes devotaram, foram levados praticamente à categoria de não-lugares sociais e, por isso, objetos de reflexão exclusiva de biólogos e oceanógrafos, sendo consagrados enquanto territórios inóspitos às pesquisas sociais. Talvez, para muitos, a fluidez do mar e o movimento das ondas vindas do oceano, no fluxo e refluxo das marés, que alcançam as areias da praia, tenham decretado a eliminação de provas, vestígios, indicadores, modos de existências (até mesmo simples pegadas) que pudessem oferecer ricos elementos referentes à presença de sociedades humanas, de grupos sociais, através de suas culturas materiais e imateriais ao longo dos séculos, nesses espaços.

1 Não publicado em livro, pode-se mencionar o precioso estudo dissertativo: Mariana Osue Ide Sales. *Imagens do mar a partir dos textos galego-portugueses: séculos XIII a XV*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas: História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas. Além dessa pesquisa, outra publicada em livro e que contribui para refletir sobre a temática, embora não tome como centralidade as representações e significados sobre o mar e as praias, vale ser lida: Paulo Miceli. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, séculos XV e XVI)*, 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

De certa maneira, o mar e as praias transformaram-se em quase desertos socioculturais para as várias ciências que compõem o campo das humanidades. Diante dessa amarga constatação, uma pergunta nos cabe: Será que o antigo medo medievalista que os grupos sociais tinham do mar não foi superado ainda pelos historiadores e cientistas sociais?²

Um fato, porém, pode ser constatado: embora seja um tema que fascine, poucos estudos têm voltado suas atenções para as sociabilidades praieiras e marítimas, ao longo dos séculos.

Caminhando na contramão desse sufocante silêncio vivido pelas humanidades e rompendo com os “medos”, “ignorâncias” e “receios” sobre o oceano e as formas de sociabilidades praieiras por parte das pesquisas sociais, surge o fascinante escrito da historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo, da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Todavia, cabe dizer que esse não é o único mérito do seu relevante trabalho recentemente publicado em livro.

Resultante de pesquisa de doutoramento em história social pela Universidade de São Paulo (USP), o estudo *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda* ganhou edição em livro em 2007, pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, ao ter sido agraciado com o relevante Prêmio Jordão Emerenciano, do Conselho Municipal de Política Cultural da capital pernambucana.

Nele, uma bela estadia pelas praias de Olinda e do Recife, entre os séculos XIX e os primeiros decênios do XX (de 1840 a 1940), finamente mediada por uma arguta e excelente análise histórico-antropológica, é o que nos permite esse valioso escrito. Trata-se, sem dúvida, de um estudo de exitosas qualidades acadêmicas, que reúne em suas páginas inúmeras capacidades teórico-metodológicas interdisciplinares apoiadas numa vasta pesquisa documental e iconográfica que se articula a uma elegante e meticulosa escrita, de grande sedução intelectual; aspectos esses que tornam o presente livro uma obra de prazerosa referência obrigatória na área.

2 Em relação ao medo que existiu na sociedade européia sobre o mar, no período medieval, pode-se consultar o belo livro: Jean Delumeau. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 41-52.

Evidenciando a questão central do seu estudo, a autora escreveu:

As mudanças em torno das áreas de praia, nas formas de perceber e desfrutar o mar, tornam-se inteligíveis quando associados às transformações sociais, econômicas e culturais verificadas no Recife e em Olinda, bem como em relação ao crescimento e ao movimento de expansão territorial urbana dessas cidades, em período correspondente. Desse modo, interessa-nos saber como se processou a incorporação dos espaços litorâneos às áreas e ao modo de vida urbanos. Compreender, enfim, como, quando e por que a cidade passou a se interessar pelas praias e águas salgadas de um modo inteiramente novo até então (ARAÚJO, 2007, p. 17).

Assim, nas 547 páginas do escrito de Rita de Cássia Araújo, as praias do Recife e de Olinda (Boa Viagem, Pina,

Brum, Carmo, do Farol, por exemplo) nos são apresentadas (construídas e desconstruídas) a partir de interesses econômicos; dos discursos médicos e jornalísticos; de necessidades de consumo, lazer, modas e de cura; enquanto depósitos de lixo e de cadáveres, especialmente dos negros escravos; de importação de valores europeus; de resistências sociais e de perspectivas de classes; de preconceitos contra os pobres; de modernização.

De todos esses elementos societários mencionados, as práticas e os discursos científicos elaborados pela medicina-higienista assumiu papel estratégico, no terceiro decênio do século XIX em diante, para as autoridades públicas, a moral burguesa e a imprensa da época, principalmente na legitimação dos usos das praias e do mar e nas condutas sociais aceitas (ou não) para isso. Nas palavras da própria Rita de Cássia Araújo:

No Brasil, a ascensão da medicina-higienista, a partir de 1830, coincidiu com uma rede-

finição nos conceitos e regras de pudor, nos atos, gestos e palavras considerados honestos, decentes, indicadores de bons ou maus modos, tanto no interior do recinto doméstico quanto em relação aos espaços públicos da cidade. Modificavam-se as concepções morais visando aproximar a jovem nação dos padrões culturais e comportamentos vigentes nas modernas sociedades européias. Pretendia-se também disciplinar os espaços públicos urbanos, torná-los receptivos e seguros para os novos transeuntes: as famílias das elites. Determinados segmentos sociais politicamente influentes e instâncias de poderes públicos, identificados com os valores europeus e preocupados com a consolidação do Estado nacional brasileiro, revelaram-se, desde então, bem menos tolerantes no tocante a certas manifestações culturais tradicionais,

comportamentos e formas de sociabilidade que vigoravam firmemente durante o período colonial. Voltaram-se especialmente contra as práticas culturais e crenças das camadas populares, com ênfase naqueles que tinham curso nos espaços aberto e de usos comuns na cidade. [...] A polícia urbana recaiu severamente sobre os pretos, que sobre qualquer outro segmento social ou étnico, sendo os cativos os mais penalizados dentre todos. [...] A rede repressiva da lei alcançava o espaço público das praias, proibindo não apenas a realização de jogos populares no seu território, mas também os banhos nus de que costumavam usar, principalmente, os homens livres pobres e os escravos (idem, op. cit., p. 365-366).

Dessa maneira, os vários sentidos e sentimentos conferidos ao mar, aos rios e às praias mostram os diversos embates que os incorporaram

a um projeto societário, com seus conteúdos de época, suas ambivalências, suas formas de ver e de vivenciar as praias e os dias, que não só existiram em Pernambuco, por ser um componente universal, como bem frisou Rita de Cássia, inclusive ao referir-se ao emblemático trabalho de Alain Corbin, no qual buscou grande inspiração.

Araújo nos lembra que, antes da forte ascensão do discurso médico e das necessidades de consumo difundidos pela elite, apenas pescadores, canoieiros e outros segmentos populares faziam uso do mar, para banhos.

O homem da cidade era um ignorante do mar, e, ao desconhecimento que dele se tinha, sobrevinha o pavor que a aparência bravia inspirava. No geral, julgavam-no traiçoeiro, selvagem, indomável. Eram poucos os que possuíam alguma noção de como se portar dentro d'água sem ir ao fundo. A maioria não sabia nadar, boiar, ficar parado em um mesmo

local estando dentro d'água, sem se deixar arrastar pela corrente, ou mesmo evitar que a água penetrasse no nariz e ouvidos (idem, op. cit., p. 352).

Explicitar essas poucas passagens revela, em várias medidas, a riqueza que compõe o olhar acurado lançado pela autora em relação ao mar e às praias, buscando os temas sociais que lhes dão importantes significados e razão de ser. De fato, o livro de Rita de Cássia Araújo coloca-nos diante da grandeza e do instigante desafio que é estudar esse tema na área das humanidades, ao nos mostrar, de maneira exemplar, que as praias e o mar têm profundas e inelimináveis marcas socioculturais oriundas de silenciadas histórias humanas, que necessitam ser ouvidas.

O que resta às ciências das humanidades, então, é saber olhar e escutar o que vem e o que existe nas regiões costeiras e no oceano, ao irmos além do bojador, assim como fez brilhantemente Rita de Cássia.

Tal escrito é, sem dúvida, uma bela e rara oportunidade de aprendermos a singrar o mundo fascinante das praias e das águas marinhas sem receios intelectuais de avançarmos mar adentro, deixando que os ventos das humanidades enfunem nossas velas, para que possamos compreender as ricas histórias sociais feitas à beira-mar.

CRISTIANO RAMALHO é doutor em ciências sociais (Unicamp), pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), na qualidade de bolsista DCR – CNPq–Facepe e pesquisador associado do Ceres <cristianownramalho@gmail.com>.